

Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878



Ensaio Teológico está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

A PESSOA DO CONSELHEIRO E A MORALIDADE DA PÓS-MODERNIDADE The counselor's person and the post-modernity morality

Bernardo Stollmeier Kuss¹

RESUMO

O artigo trata da prática do aconselhamento na Pós-modernidade, e sua relação com a moralidade desse período. As incisivas críticas e desconstruções pós-modernas, relacionadas à moralidade e às teorias totalizantes, para citar algumas delas, atingiram inclusive a área da moralidade humana, que julga o certo e errado e a relação do homem² consigo mesmo e com seus semelhantes. Assim, o ser humano ficou sem padrões e com mais problemas relacionais, emocionais e espirituais. Surgem aí as propostas seculares de aconselhamento, que tratam os sintomas desses problemas, mas não os resolvem de fato. Diante disso, chega-se ao modelo cristão de aconselhamento: embasado na Bíblia, seguindo os moldes de aconselhamento providos por ela, e contando com o auxílio do Espírito Santo, podem ser geradas, então, soluções reais.

Palavras-chave: Aconselhamento. Pós-modernidade. Moralidade. Bíblia.

ABSTRACT

The article discusses the counseling practice during postmodernism, and its relation with this period's morality. The incisive postmodern critics and deconstructions related to morality and totalizing theories, to show some of them, stroke still the human morality matter, which judges what is right or wrong and man's relation with himself and with his equals. Thus, the human being became without standards and with more relational, emotional and spiritual problems. There arise the secular counseling proposals that treat these problems' symptoms, but do not solve them indeed. That said, is reached the Christian counseling model: based on the Bible, following the counseling templates

¹ Bacharelado em Teologia pela Faculdade Batista Pioneira. E-mail: bernkuss@hotmail.com

² Este artigo utilizará a expressão 'homem' para referir-se ao ser humano independente do gênero.

provided by it, and counting with the Holy Spirit's aid, therefore can be generated real solutions.

Keywords: Counseling. Postmodernism. Morality. Bible.

INTRODUÇÃO

Este artigo trata da prática do aconselhamento no período da Pós-modernidade, e sua relação com a moralidade desse período. Quão complexa é tal prática, visto que lida com problemas emocionais, relacionais e espirituais do ser humano! As discussões dos autores pós-modernos, como, por exemplo, Friedrich Nietzsche (um dos precursores do pensamento), Martin Heidegger, Jean-François Lyotard e Michel Foucault têm um clima crítico. O implemento dessas discussões veio em boa hora e trouxe mudanças positivas ao pensamento moderno vigente. Todavia, a crítica foi levada a tal nível que desestruturou até mesmo as concepções humanas mais basais. Verdade, razão, amor e afins são desacreditados em sua forma primeva, e entendidos como visões puramente individuais. Dito isso, a prática já delicada do aconselhamento se torna mais sensível ainda. Como ela deve ser abordada, então?

O objetivo da presente análise é rever as muitas opções de aconselhamento que são oferecidas, na Pós-modernidade. Sua esmagadora maioria tem em comum a busca pela resolução pontual de sintomas, instantânea, puramente analgésica. No entanto, isso resolve os problemas humanos? Se não resolve, há alguma solução real?

Chega-se à conclusão de que sim: através do aconselhamento cristão bíblico. Esse, por seu turno, oferece um acompanhamento pessoal e objetiva levar o aconselhado à salvação em Cristo, não apenas à aparente solução dos problemas pessoais. Nem de longe baseado em propostas ou capacidades somente humanas, o aconselhamento cristão bíblico se baseia nos princípios atemporais da Palavra de Deus. Tendo criado o ser humano, Deus o conhece profundamente, e revelou a ele Suas instruções de como lidar com seus problemas, na Bíblia. Mesmo com isso, Deus não deixa o homem desacompanhado, mas o supre com seu Espírito Santo, O Conselheiro. Analisa-se tudo isso também, à luz da própria Bíblia.

Propõe-se neste artigo um ensaio; hipóteses são apresentadas, e possíveis soluções. Não se espera concluir, resolver ou fechar o tema; longe disso, iniciam-se aqui discussões e pensamentos, que visam levar a discussões futuras.

1. DEFINIÇÕES PRÉVIAS DE CONSELHEIRO, MORALIDADE E PÓS-MODERNIDADE

Ante o grande leque que se abre, ao se tratar sobre um tema tão vasto como a Pós-modernidade, dentro das também vastas e profundas áreas da Filosofia, Sociologia e Teologia, é preciso definir os termos empregados aqui. De maneira que não se entenda mal o que for aqui tratado, pergunta-se: quem é o conselheiro? O que é a moralidade? E Pós-modernidade, se refere a quê?

1.1 O conselheiro e o aconselhamento

O termo conselheiro tem sua origem no latim: *consiliarius*, que aconselha, derivado de *consilium*, conselho, e esse, por sua vez, derivado de *consulere*, tomar conselho, consultar, aconselhar-se.³ De forma geral, conselheiro é quem dá conselhos, quem é consultado por alguma outra pessoa com algum problema a resolver, e que a ajuda na resolução. Têm-se por lugar-comum imagens como a do rei com seus conselheiros reais, do mestre aconselhando seu discípulo, ou de um amigo aconselhando outro. Um conselheiro não é necessariamente um profissional com formação acadêmica e especialização na área de comportamento e pensamento humano; longe disso, qualquer indivíduo a quem outro conta um problema, e que tenta levar esse a encontrar uma resolução, faz-se um conselheiro – como se verá abaixo.

Neste artigo será abordado o aconselhamento *cristão evangélico*, portanto, recorrer-se-á à literatura deste meio para melhor definir esse tipo de conselheiro, e o processo do aconselhamento no qual ele se envolve, ou é envolvido. O conselheiro cristão é, acima de tudo, alguém convertido, que tem a Jesus Cristo como Senhor, e que crê na Sua ressurreição, e na Bíblia Sagrada como Sua palavra revelada ao ser humano. O conselheiro tem como foco principal levar quem ele auxilia a relacionar-se pessoalmente com Jesus, encontrando perdão e liberdade dos efeitos nocivos do pecado na vida humana. Ou seja, ele leva pessoas a Cristo, as quais levarão outras pessoas a Cristo também.⁴

Ainda que haja quem afirme que o aconselhamento é intrínseco à Teologia, é consensual que o conselheiro cristão não depende de formação profissional para exercer seu papel.⁵ Usualmente, sim, o trabalho de aconselhamento é delegado aos pastores das igrejas, somente; no entanto, isso não é regra. Qualquer membro pode ser um conselheiro.⁶ Aliás, a regra é que o *cristão* aconselhe. Assim como todos os cristãos dão testemunho de sua fé, e isso envolve uma pregação informal da Palavra (tanto no batismo, quanto na prática de vida), da mesma maneira todos os cristãos devem aconselhar.⁷ Note-se o imperativo: é dever cristão aconselhar seu próximo; esse dever está implícito (ou explícito?) na Grande Comissão de Cristo a Seus discípulos registrada nos evangelhos: “[...] vão e façam discípulos [...]”.⁸ Todo cristão deve se tornar um conselheiro dos seus irmãos na fé, por mais que o trabalho de aconselhamento como chamado específico seja atribuído aos pastores.⁹

Importante observar que o conselheiro sempre é motivado pelo desgosto com a dor das outras pessoas¹⁰, deixando claro que é (deve ser) alguém tratável e acessível,

³ SACCONI, Luiz Antonio. **Grande dicionário Sacconi da língua portuguesa**: comentado, crítico e enciclopédico. São Paulo: Nova Geração, 2010, p. 509.

⁴ COLLINS, Gary R. **Aconselhamento cristão**: edição século 21. Tradução de Lucília M, p. da Silva. São Paulo: Vida Nova, 2004, p. 17.

⁵ LAMBERT, Heath. **Teologia bíblica do aconselhamento**. Tradução de Airton W. V. Barboza. Eusébio: Peregrino, 2017, p. 19.

⁶ MOLOCHENCO, Silas. **Curso Vida Nova de teologia básica**: Aconselhamento. São Paulo: Vida Nova, 2008, p. 20.

⁷ ADAMS, Jay E. **The christian counselor's manual**. Grand Rapids: Baker Book House, 1973, p. 12.

⁸ SOCIEDADE BÍBLICA INTERNACIONAL. **Bíblia Sagrada**: Nova Versão Internacional. [S.l.]: Geográfica, [200-], p. 768.

⁹ ADAMS, 1973, p. 9.

¹⁰ LAMBERT, 2017, p. 32.

compreensível e sensível às necessidades e situações vividas por quem o cerca. Também é de suma importância que ele saiba guardar segredo daquilo que é aberto a ele, pelo seu aconselhando (pessoa a quem o conselheiro aconselha).¹¹ A partir disso, o conselheiro cristão deverá ser alguém que ajude as pessoas a lidarem com seus problemas circunstanciais de melhor maneira do que elas têm feito até então, conduzindo, encaminhando, orientando e levando-as ao desenvolvimento de uma solução.¹² Ou seja, a única exigência feita a ele é que, tendo desenvolvido uma cosmovisão que entenda o problema do aconselhado, formule, então, uma resposta a tal problema.¹³

Ora, é preciso trocar a concepção de que essa tarefa é somente delegada aos pastores, como tratado acima. Pastores, esses, que exercem o pastorado em tempo integral, já que, diante do dever de todo cristão de aconselhar seu próximo, todos os cristãos se tornam pastores do rebanho que pertence a Deus. Assim sendo, não somente perante o aconselhado, mas perante a sociedade e, acima de tudo, perante Deus, o conselheiro é responsável pelo que faz e diz.¹⁴ É o responsável pelo rebanho de Deus, o qual Cristo comprou com Seu próprio sangue. Há algo mais valioso do que isso? Haveria motivo mais nobre para impulsionar os esforços do conselheiro? Não. Dessarte, espera-se que ele, diante de tamanha responsabilidade, valha-se de ferramentas para melhor cumpri-la. Por exemplo: da mesma forma que é necessário manter um registro meticuloso e cuidadoso de uma conta bancária, também o deve fazer o conselheiro com as informações das pessoas que aconselha. O registro, a fim de conhecer e melhor tratar os problemas; o cuidado com as informações, a nível de segredo. Fato é que não haverá um supervisor a conferir se o conselheiro anotou ou não, se usou essas informações ou não. Ainda assim, Deus irá exigir prestação de contas do encargo que lhe foi confiado, de cuidar de almas imortais e valiosas, para Deus.¹⁵

É básico que, tal cuidadoso, o conselheiro seja flexível e resiliente. Os problemas dos aconselhados não podem ser resolvidos por meio de fórmulas e regras fixas, como numa ciência exata¹⁶, mas levam tempo e esforço, de forma processual, e isso demanda muita paciência e capacidade de lidar com intempéries. O conselheiro deve, como Cristo, apenas receber as pessoas e ouvir seus problemas, do jeito que elas estão, antes de recomendar qualquer mudança; feito isso, ele deve, então, “ensinar *tudo* o que Cristo ordenou e ensinou”¹⁷, sem manipular nem se intrometer na vida do aconselhado, desejando profundamente seu bem-estar.¹⁸

Isso dito, esclarece-se que a Grande Comissão é para todos os cristãos, inclusive no que tange ao prestar ajuda emocional e espiritual a quem estiver ao seu redor. Estão compreendidos os quesitos gerais necessários aos cristãos, no processo do aconselhar. Ora,

¹¹ HOFF, Paul. **Pastor como conselheiro**. São Paulo: Vida, 1996, p. 26-27.

¹² MOLOCHENCO, 2008, p. 22.

¹³ LAMBERT, 2017, p. 20.

¹⁴ HOFF, 1996, p. 29.

¹⁵ ANDERSON, Stanley E. **Cada pastor um conselheiro**. Tradução de Harold Renfrow. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1963, p. 126-127.

¹⁶ MOLOCHENCO, 2008, p. 22-23.

¹⁷ COLLINS, 2004, p. 20. Ênfase do autor.

¹⁸ COLLINS, 2004, p. 38.

surge assim a pergunta: como o cristão o faz? Como o deve fazer? Em suma, o que é o aconselhamento?

Lambert, muito precisa e sucintamente, define que o aconselhamento “é uma conversa em que uma das partes com questões, problemas e dificuldades procura auxílio de alguém que acredita ter respostas, soluções, ajuda”¹⁹ e acontece sempre que uma pessoa do primeiro tipo procura conversar com alguém do segundo. Aconselhar é o processo de estimular quem está passando por perdas, decisões complicadas ou frustrações; pode, inclusive, melhorar a personalidade e a capacidade de enfrentamento das situações da vida.²⁰ Dito isso, entende-se que, assim como não se requer do conselheiro uma formação acadêmica nem específica, da mesma maneira o momento e o processo do aconselhamento podem ser tanto formais quanto não; tanto com um relacionamento entre as partes, como profissionalmente frio; ainda, com viés religioso, ou não.²¹

Do ponto de vista cristão, essas soluções das quais Lambert fala são supridas por Jesus Cristo. O aconselhamento, então, é um instrumento que pode dar a oportunidade ao indivíduo de ser capaz de enfrentar as pressões às quais está sujeito. Isso se dá a partir do momento em que ele entende o sentido da vida, e esse, entendido, permite que o indivíduo usufrua da vida “conforme as Escrituras propõem”.²²

Aos questionamentos sobre a validade ou eficácia do aconselhamento com viés religioso, refuta-se lembrando que o homem não poderá escapar de prestar contas a Deus. Por enquanto, as teorias que maquiam, negam ou desviam a culpa humana diante de Deus até soam plausíveis, mas não se manterão. A real necessidade do homem é ser guiado por, e guiar sua vida de acordo com a Escritura. Para saber como fazer isso há o aconselhamento *bíblico* (ou cristão, como tratado em todo artigo). Ali, conselheiro e aconselhado se encontram em nome de Jesus Cristo, e podem contar com Sua presença autêntica como conselheiro-chefe, por meio da pessoa do Espírito Santo.²³

É crucial que se entenda assim o aconselhamento, já que somente Cristo pode realmente resolver os problemas emocionais e espirituais humanos. Sob esse ponto de vista, tempo de aconselhamento não é só sentir pena de quem tem problemas, e ouvi-los. É, acima de tudo, criar uma aproximação relacional, e buscar solucionar esses problemas,²⁴ levando o aconselhado a relacionar-se com Jesus²⁵ e realmente transferir toda a carga de problemas de si mesmo para Cristo. Tal questão será pormenorizada mais adiante.

1.2 A moralidade

Numa definição inicial de palavras, Sacconi afirma que *moralidade* é a qualidade daquilo que é moral; o certo ou o errado de uma ação, atitude etc. É a qualidade dos atos humanos

¹⁹ LAMBERT, 2017, p. 17.

²⁰ COLLINS, 2004, p. 17.

²¹ LAMBERT, 2017, p. 18.

²² MOLOCHENCO, 2008, p. 16.

²³ ADAMS, 1973, p. 4-5.

²⁴ LAMBERT, 2017, p. 19.

²⁵ COLLINS, 2004, p. 17.

segundo os princípios morais; decência. E *moral* é o que resulta da consciência ou do senso do certo e do errado. É a parte da filosofia que trata dos costumes, deveres e comportamento do homem para com os outros homens; ética. Conjunto de preceitos e regras que devem nortear as ações humanas, segundo a justiça; moralidade.²⁶

Indo para o rumo da Filosofia, Abbagnano define *moralidade* como o caráter do que se conforma às normas morais. Por sua vez, *moral* refere-se à doutrina ética e à conduta, fazendo-se assim suscetível à avaliação moral. Segundo ele, fala-se de atitude moral para referir-se a coisas positivamente valoráveis, boas - além de atitudes moralmente valoráveis.²⁷

Estudada pelo campo da ética, a moralidade pode ser sintetizada como estudo dos conceitos de valor (certo, errado, virtuoso, bom, mau, dever, por exemplo). Esses, por sua vez, são definidos segundo crença e avaliação do indivíduo quanto à motivação para tal ação, e se ela se revela como certa ou errada.²⁸ Diante do que é dito acima, será adotado neste artigo a definição de “moralidade” como senso de bem ou mal, certo ou errado. Logo, ao se aludir à “moralidade da Pós-modernidade”, p. ex., entende-se a maneira como tal filosofia faz julgamentos de certo e errado, o que ela julga virtuoso, ou não, e assim por diante. Até aqui, é consensual o sentido dos termos. Há discrepâncias quando se trata, no entanto, da origem dos valores e parâmetros de julgamento moral, já que eles precisam ser definidos pelo próprio indivíduo.

Gert e Gert muito bem explicam que o termo *moralidade* pode ser usado de duas maneiras, ou dois sentidos, a saber: (1) *descritivamente*, referindo-se a certos códigos de conduta adotados por uma sociedade ou grupo (religião, p. ex.), ou aceito por um indivíduo para seu próprio comportamento. Caso somente essa primeira definição seja adotada, corre-se grande risco de negar que exista uma moral universal comum aos seres humanos, uma vez que é cada grupo que define o que é moral. Moralidade também pode ser usada (2) *normativamente*, referindo-se a um código de conduta (uma norma) que, em condições específicas, seria adotado por todas as pessoas racionais. É necessário ressaltar, porém, que o fato de muitos fazerem uma escolha não torna uma ação moral.²⁹

Sabendo da existência desses dois sentidos morais possíveis, é vital conceituar o que significa “moralidade”, na definição deles. Em tentar fazê-lo, corre-se o risco de, em vez de definir o termo de forma neutra, aludir a uma concepção advinda de uma teoria moral. Melhor dizendo, é pender para um lado, que não se deve. Por exemplo definir “moral” a partir de um ponto de vista religioso. Há quem afirme que fazer isso deixa duvidosa a definição buscada.³⁰ Outros, todavia, consideram mais importante o fato de que uma pessoa, ou um grande grupo adota tal código de conduta no seu senso descritivo, para a partir disso definirem

²⁶ SACCONI, 2010, p. 1408.

²⁷ ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. Tradução de Alfredo Bosi. São Paulo: Martins Fontes, 1998, p. 682.

²⁸ MORELAND, J. P.; CRAIG, William Lane. **Filosofia e cosmovisão cristã**. São Paulo: Vida Nova, 2005, p. 483.

²⁹ GERT, B.; GERT, J. The Definition of Morality. In. EDWARD N. Zalta (edit.). **The Stanford Encyclopedia of Philosophy**. [S.l.: s.n.], 2017. Disponível em: <https://plato.stanford.edu/archives/fall2017/entries/morality-definition/>. Acesso em: 03 jun. 2020.

³⁰ GERT; GERT, In. EDWARD, Disponível em: <https://plato.stanford.edu/archives/fall2017/entries/morality-definition/>. Acesso em: 03 jun. 2020.

“moralidade”,³¹ como, por exemplo, Moreland e Craig, que adotam a descrição bíblica de moral como normativa. Eles afirmam que sim, existem propriedades morais imutáveis: além das características físicas, naturais (cor, tamanho, tipo), existem no universo propriedades morais (bem, mal, virtude e afins), as quais não dependem de opinião individual nem de contexto social para serem definidas. De fato, existem valores que não dependem de cultura, e são inerentes ao ser humano, ainda que distintos de sua natureza física. Para os cristãos, Deus sumamente possui essas qualidades, e os homens também, por mais que em grau reduzido.³²

1.3 A Pós-modernidade

Pode haver confusão entre os termos Pós-modernidade e pós-modernismo. Por isso é necessário defini-los. Isso posto, também é necessário descrever, ainda que brevemente, algumas características da Pós-modernidade e do pensamento predominante nesse período.

1.3.1 Pós-modernidade e pós-modernismo

Por mais que aparentem ser sinônimos, há diferença entre Pós-modernidade e pós-modernismo. A primeira é uma condição humana, uma situação social. Assim, é algo do qual o ser humano pouco ou nada pode fazer para escapar, e não ser influenciado. Já o segundo é uma visão de mundo, uma interpretação, um modo de pensar. Não necessariamente essa visão surge da Pós-modernidade, já que entre os próprios modernos (ou seja, antes da Pós-modernidade) já houve uma autocrítica que se caracteriza como pensamento pós-moderno.³³

O termo foi utilizado pela primeira vez na década de 30, por Federico de Onís, mas sua definição teórica começou a ser formulada na década de 1970, apenas. A proposta foi, desde o início, criticar o modernismo vigente, que criara um ambiente rígido, inflexível e formal, inicialmente no campo artístico. Face a essa inflexibilidade, artistas se autodenominaram pós-modernos.³⁴ Assim, desde o início, o pós-modernismo traz como identificação a crítica constante. Ele (como linha de pensamento) rejeita, principalmente, as ideias e as bases iluministas.³⁵ Assim, se faz necessário definir, ainda que muito brevemente, o projeto iluminista - o pensamento moderno.

Fortemente embasado no pensamento cartesiano e sua dúvida metódica, a filosofia modernista colocou o indivíduo como o centro: a *res cogitans* (coisa pensante), mais elevada e capaz de dominar tudo o que a cerca por meio de sua razão infalível.³⁶ Nesse período, o conhecimento e a ciência foram colocados em altíssimo nível de estima: “para o cientista

³¹ GERT; GERT, In. EDWARD, Disponível em: <https://plato.stanford.edu/archives/fall2017/entries/morality-definition/>. Acesso em: 03 jun. 2020.

³² MORELAND; CRAIG, 2005, p. 493.

³³ FONTENELLE, Isleide Arruda. **Pós-modernidade: trabalho e consumo**. São Paulo: Cengage Learning, 2008, p. XII – 10.

³⁴ FONTENELLE, 2008, p. 15.

³⁵ GRENZ, Stanley. **Pós-modernismo: um guia para entender a filosofia do nosso tempo**. Tradução de Antivan G. Mendes. São Paulo: Vida Nova, 2008, p. 17.

³⁶ ROCHA, Alessandro R.; FERREIRA, Ebenézer S. **A teologia e os desafios contemporâneos**. São Paulo: Reflexão, 2010, p. 65.

moderno, a descoberta de que o conhecimento é sempre bom é axiomático”.³⁷ Foi formada uma certeza profunda, firme e aparentemente inquestionável a respeito da razão humana e de sua capacidade. “O ser humano moderno pode muito bem ser descrito como a substância autônoma e racional de Descartes, cujo habitat é o mundo mecanicista de Newton”.³⁸ Em suma, essa é a grande narrativa do sujeito unificado.³⁹ Ou seja: o homem como sujeito racional, capaz, pronto a descobrir todos os segredos do universo, por meio do estudo das leis que regem a natureza. O mundo é descrito como uma máquina, cujas constantes de funcionamento ainda não conhecidas pelo homem certamente seriam desvendadas, conhecidas e entendidas por meio do intelecto. O homem é o centro; a razão humana é tudo.

Outra característica marcante do pensamento moderno é sua ideia de separação entre corpo e alma. Sua adoção causou uma destruição humana considerável. Basicamente: de que a razão é tudo, segue-se que, se tal povo ou grupo não é considerado racionalmente tão elevado quanto o de quem analisa, eles viram objeto de uso, domínio.⁴⁰ Isso deu base para todo tipo de exploração humana, como escravidão, colonialismo, teorias racistas e afins. É a essas concepções inquestionáveis e irrefutáveis que o pós-modernismo vem ácida, tenazmente e com sucesso criticar.

1.3.2 Pós-modernidade, crítica e imediatismo

Como veio principal do pensamento pós-moderno, pode-se entender que há uma crítica “contra a noção de razão, de verdade, de totalidade, de identidade, [...] contra todas as aspirações de certeza e ordem do projeto moderno”.⁴¹ Houve inclusive uma transformação da própria noção de racionalidade vinda do modernismo.⁴² O pós-moderno também tira “o intelecto humano de sua posição de árbitro da verdade”, por mais que coloque a perspectiva de cada ser humano como centro/verdade. Não somente a razão, mas a emoção e a intuição também são caminhos válidos para o conhecimento.⁴³

Se a Modernidade gerou um olhar frio às sociedades menores e à natureza como objetos, a Pós-modernidade traz “uma maior valorização da natureza, um reconhecimento da linguagem para a existência humana, uma admiração refinada pela tecnologia, uma aceitação do desafio que outras religiões colocam para a tradição judaico-cristã, uma sensibilidade apocalíptica, uma sensação de deslocamento do homem branco ocidental e a ascensão dos despossuídos em virtude de seu sexo, raça, ou classe; talvez mais significativa ainda seja a conscientização crescente da interdependência radical da vida em todos os níveis e de todos os modos imagináveis”.⁴⁴ Ou seja, não se pode entender um ser humano como constituído de corpo e alma, separados e independentes. O homem é um todo, integral. A isso pode-se chamar de holismo, ou seja, considerar o homem como um inteiro. Muito da inversão

³⁷ GRENZ, 2008, p. 16.

³⁸ GRENZ, 2008, p. 14.

³⁹ FONTENELLE, 2008, p. 43.

⁴⁰ ROCHA; FERREIRA, 2010, p. 66.

⁴¹ FONTENELLE, 2008, p. 10.

⁴² ROCHA; FERREIRA, 2010, p. 62.

⁴³ GRENZ, 2008, p. 20-21.

⁴⁴ GRENZ, 2008, p. 12 *apud* MCFAGUE, 1982, p. X-XI.

que se dá gira em torno da troca entre “penso, logo existo” para “penso porque existo”; o pós-modernismo enfatiza mais a existência composta de “intelecto, afeto, sensibilidade, intuição”, do que a racionalidade objetivamente reduzida a si mesma. Isso é uma vantagem, uma vez que quebra o mecanicismo frio moderno, que analisa o homem como coisa, para vê-lo, então, como ser, vivo, que existe, e pensa.⁴⁵

Advinda dessa concepção do homem que pensa porque existe, outra característica notável do pensamento pós-moderno é a sua abordagem e visão da comunidade. Enquanto o ser humano moderno ideal é autônomo e autossuficiente, o homem pós-moderno é, além de fragmentado (indefinido, a definir-se, vazio de absolutos, e cheio de incertezas), dependente do seu grupo. Tanto o modo pelo qual a verdade é vista e aceita pelo indivíduo, como a própria essência da verdade são relativos de acordo com a comunidade da qual ele faz parte.⁴⁶ O foco passa do “*eu* ensimesmado e estéril produzido pelo racionalismo fechado e sua separação sujeito-objeto, a um nós fértil e regenerativo”. A racionalidade agora é aberta, buscando a relacionalidade. Olhando positivamente, isso é parte do que a Pós-modernidade oferece, em detrimento à Modernidade.⁴⁷

2. PROBLEMAS PÓS-MODERNOS

Crítica e desconstrução são conceitos-chave ao se pensar em Pós-modernidade. Sua desconstrução da dureza do pensamento Moderno trouxe benefícios inegáveis, por exemplo, maior aceitação e atenção ao ser humano, rejeitando-se a visão de pessoas como objetos; maior cuidado e preocupação com o mundo, natureza; ainda, maior aproximação e valorização da comunidade que cerca o indivíduo. O que acontece, no entanto, ao se levar essa desconstrução a seus extremos? E se, tirada de cena a razão, a vontade individual passe a guiar as ações? O que se torna da relacionalidade quando os relacionamentos são descartáveis? E quando se desconstrói a própria verdade? O que o pós-modernismo propõe, uma vez que desmantela as demais posições? Tais questões serão destaques na sequência.

2.1 Menos razão, mais satisfação

A primeira objeção é feita à aplicação de “uma ideologia que se recusa a fazer julgamentos e a debater seriamente questões relativas a modos de vida viciosos e virtuosos, pois, no limite, acredita-se que não há nada a ser debatido. Isso é pós-modernismo.” Ou seja: uma vez que a verdade é relativa, não se discute o que cada um faz, seu modo de vida. Todos são livres para *buscar sua satisfação - mais, para definir o que o satisfaz, sem interferências*. A existência humana é pautada pela fluidez e descartabilidade.⁴⁸

Cada indivíduo lê a realidade de uma forma diferente. Assim, a realidade não tem apenas um significado, nem um centro transcendente. O que existem são pontos de vista e perspectivas diferentes. “Não há nada transcendente que seja inerente à realidade [...] e tudo

⁴⁵ ROCHA; FERREIRA, 2010, p. 64.

⁴⁶ GRENZ, 2008, p. 21.

⁴⁷ ROCHA; FERREIRA, 2010, p. 68-69.

⁴⁸ FONTENELLE, 2008, p. XII-XIII *apud* BAUMAN, 2004. Ênfase acrescentada.

o que emerge no processo do conhecimento é a perspectiva do eu que interpreta a realidade”.⁴⁹

Junto a isso, há um desprezo das instituições, característico da Pós-modernidade. À Pré-modernidade, a Igreja era a instituição modelo. Isso mudou na Modernidade, com a racionalização, onde a Universidade se tornou esse modelo; ainda hoje essa visão está muito em voga, se bem que tem dado lado à apreciação pós-moderna do indivíduo solitário, que faz a diferença, por meio da criatividade e inovação.⁵⁰ Isso reflete claramente o desprezo pelos absolutos, e a relativização dos valores. Em vez de os valores serem expressos por uma instituição, que guie as pessoas a um objetivo comum, eles são agora originados no próprio indivíduo, e a seu gosto.

Se a própria razão, eterna perseguidora da verdade, e as instituições que a guiavam nessa busca são desacreditadas, nada resta que defenda a própria verdade de ser desconstruída. Grenz lembra que a verdade, aos olhos pós-modernos, deixa de ser afirmações confirmadas pelo mundo externo.⁵¹ Inclusive a própria realidade deixa de ser prova de algo, já que depende da perspectiva da qual é julgada. Eagleton descreve como alvo da crítica da Pós-modernidade tanto as percepções de verdade e razão, como as ideias de progresso e as grandes narrativas explicativas. O mundo passa a ser visto como várias culturas, cada uma com interpretações diferentes e desconciliadas da verdade. Logo, *ninguém pode afirmar possuir a noção ou conhecimento prático da verdade*, mas uma das noções existentes, igualmente válida como todas as outras.⁵²

Assim sendo, não somente, mas principalmente, os problemas citados acima geraram um dos maiores dilemas aos quais a Pós-modernidade expôs o homem do seu tempo: a falta de bases sólidas. Ora, o iluminismo, que propunha uma base sólida, foi refutado; agora, cada indivíduo decide o que deseja fazer ou não, no que crê, ou deixa de crer. Isto é, cada um pode escolher *somente* o que lhe agrada – obviamente. Funciona tanto com indivíduos analisados socialmente, quanto com uma criança: entre salada (a opção melhor) e doces (a opção mais agradável), a escolha é prevista. Consequentemente, uma situação social assim gerou toda uma cultura “consumista [...] que favorece o produto para uso imediato, o prazer passageiro, a satisfação instantânea, resultados que não exijam esforços prolongados, receitas testadas, garantias de seguro total e devolução do dinheiro”, na qual cada indivíduo tem pavor de postergar, preferindo a “satisfação instantânea”.⁵³

⁴⁹ GRENZ, 2008, p. 19.

⁵⁰ RENDERS, Helmut. A complexa relação entre éticas deontológicas, teleológicas e situacionais e as temporalidades pré-modernas, modernas e moderna tardia. In. **Caminhando**: Revista da Faculdade de Teologia Da Igreja Metodista, vol. 19, n. 2. São Bernardo do Campo: Editeo/UMESP, 2º semestre de 2014, p. 61.

⁵¹ GRENZ, 2008, p. 233.

⁵² FONTENELLE, 2008, p. 5 *apud* EAGLETON, 1998, p. 7. Ênfase acrescentada.

⁵³ BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Tradução de Carlos A. Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2004, p. 21 e 26.

2.2 Quando o amor não é exemplo

Pode-se perceber que não só a verdade foi criticada pelo pós-modernismo. Inúmeros conceitos antes tidos como sólidos e definíveis, se tornam indefinidos, modeláveis, líquidos. Como exemplo, será analisado abreviadamente aqui o conceito pós-moderno de amor, conforme observado por Bauman.

A desconstrução pós-moderna do conceito milenar de amor foi tamanha que o que já foi definido por “até que a morte os separe”, se tornou sinônimo de uma noite de sexo. Como o amor em seu padrão tradicional é difícil de ser mantido, abaixa-se esse padrão. Isso vem, claro, como consequência de outras desconstruções pós-modernas; em especial, nesse caso, a das estruturas familiares às quais o “amor” se apoiava e dava apoio. Assim, pode-se dizer que se desaprendeu a amar;⁵⁴ em vez de fazer o amor durar, passou-se a desejar, como Vinícius de Moraes: “[...]que seja infinito, enquanto dure”.⁵⁵

Por mais que afirmem que sim, as pessoas não querem relacionar-se. Isso seria insustentável, desconfortável, duro demais, uma vez que traz consigo a certeza de sentimentos bons e ruins, e esses últimos são insuportáveis. O que as pessoas deveras buscam é “evitar que suas relações acabem congeladas e coaguladas”, a seu ver. Por isso, tamanha ênfase na mudança de terminologia pós-moderna. “Relacionamento” dá lugar a “conexão”: aquele engessa; essa une, mas deixa ao dispor a possibilidade de fuga e movimento. Sim, isso impossibilita um relacionamento de qualidade, profundo, mútuo e realmente satisfatório; no entanto, tais qualidades são tapadas com a quantidade⁵⁶ de inúmeras conexões. É como se trocar entre muitas peneiras melhorasse a cobertura para o sol.

“Desejo e amor. Irmãos”. Quando diz que o desejo é vontade de domesticar o que é externo, Bauman completa que, depois de conhecido o que era estranho (no caso, o parceiro amoroso), ele se torna refugio. Perde-se a alegria da satisfação, e se faz necessária uma nova busca por outro ideal estranho, que desperte o sentimento perdido, e assim segue o ciclo. Quebrar esse circuito flexível e constantemente renovado seria trocá-lo por um amor duradouro. Esse, todavia, não é para satisfação do desejo, mas a traz como bônus; traz, também, como principal ônus o compromisso de não desprezar o cônjuge, quando a paixão inicial é perdida.⁵⁷

Arquétipo do comportamento pós-moderno, o amor que antes era almejado, elogiado, idealizado e cantado, agora é visto como “amarrar o futuro”; comprometer-se em um relacionamento “pode estar fechando as portas a outras possibilidades românticas”.⁵⁸

⁵⁴ BAUMAN, 2004, p. 19-20.

⁵⁵ MORAES, Vinícius de. **Soneto de fidelidade**. [S.l.; s.n., 20-?]. Disponível em: www.pensador.com/autor/vinicius_de_moraes/. Acesso em 15 mai. 2020.

⁵⁶ BAUMAN, 2004, p. 11-13.

⁵⁷ BAUMAN, 2004, p. 24-25.

⁵⁸ BAUMAN, 2004, p. 25 *apud* JARVIE, 2002.

2.3 Outros reflexos negativos sobre o homem

Como qualquer projeto humano, o pensamento pós-moderno está passível de erros. Talvez o maior deles, que advém de todos os outros, é a falta de bases sólidas. O terremoto pós-moderno demoliu as bases antes sólidas do modernismo sem, no entanto, colocar nada no lugar. “Os intelectuais pós-modernos, de modo geral, não procuram apresentar novas propostas construtivas de quaisquer tipos que sejam”.⁵⁹

Lambert, conselheiro cristão, tratando do aconselhamento, cita um caso tratado e registrado por Kramer, o qual seguia linhas seculares de psicologia e aconselhamento. Nesse caso, Kramer tratou um casal com problemas conjugais segundo o seu método, e registrou os resultados. Os resultados foram documentados como muito positivos, advindos de um tratamento bem-sucedido. O próprio Kramer registra, no entanto, e ao mesmo tempo, que o marido estava depressivo e mais envolvido com drogas do que antes, e que a última impressão que Kramer teve foi que o casal estava à beira do divórcio. Lambert avalia:

Essa falta de padrão ocorre, porque Kramer está confuso sobre como avaliar os resultados do aconselhamento. Ele não sabe, porque não tinha referência *confiável*, e não tinha referência *confiável* porque ele não sabe onde achar uma referência além de suas próprias ponderações.⁶⁰

Perguntando-se como chega-se à conclusão de “sucesso” com resultados assim catastróficos, Lambert conclui: faltam absolutos. Diante de tantos indivíduos de convicções líquidas, percebe-se que o problema não é só não ter referência. É não saber mais onde encontrar uma! Se tudo é relativo, não há o que se possa ter por certo, inclusive na tão sensível e importante área da delimitação moral.

A moral individual é trazida à tona quando se faz necessária a tomada de decisões sem influências externas. Ora, a consciência já deveria ser parâmetro suficiente. Mas como sê-lo, se o único objetivo é a satisfação pessoal? Isso gera um problema, do qual o indivíduo pós-moderno tenta fugir: as consequências da satisfação imediata do seu prazer. E justamente aqui aparece a necessidade da manutenção de absolutos morais imutáveis e supra culturais: por mais que os cumprir não seja satisfatório e prazeroso agora, suas consequências são previstas e muito menores.

Corroboram Moreland e Craig ao discernir que o relativismo cultural ou individual não se sustenta como afirmação normativa. Apenas afirmar a preferência de escolha de um indivíduo, de um grupo ou sociedade, não constitui qualquer norma moral. É apenas uma afirmação de preferência. Aplicar o relativismo à ética é, ainda, declarar que cada indivíduo deve agir baseado apenas no seu próprio código moral. Afinal, o que é certo para uma sociedade, pode não ser para outra. E como definir uma sociedade? E se, como supõem Moreland e Craig, um homem da sociedade ‘A’ comete adultério com uma mulher da sociedade ‘B’, em um hotel da sociedade ‘C’? Como definir se a ação foi certa ou errada?

⁵⁹ GRENZ, 2008, p. 233.

⁶⁰ LAMBERT, 2017, p. 25. Neste trecho, o autor usa a palavra “autoritativa”. No entanto, essa palavra não existe em português; provavelmente transliterada do inglês *authoritative* no momento da tradução. Foi alterada aqui para “confiável”, sua tradução para o contexto em português.

Ainda: se um indivíduo participa de diferentes grupos, como família, clube, trabalho, igreja, cada um com um código de ética diferente, como determinar qual é relevante, e qual não? Esses são alguns exemplos de problemas do relativismo. Conclui-se que se faz mister, então, um “ponto de vista privilegiado que esteja fora e acima do código da sociedade (ou do indivíduo) do qual se faz julgamento”.⁶¹

Seja a Pós-modernidade, ou qualquer uma de suas predecessoras, cada época é idealizada por aqueles que não a vivem, e todas elas compartilham aspectos desumanos. Desses, deve-se fugir. Como? Usando um sistema ético unilateral, acima da cultura da época, “como se o nosso mundo fosse outro”.⁶²

A troca de ideias por meio de palavras perde seu espaço. Tudo tem de ser imediato, rápido, instantâneo – até mesmo as pessoas. Todos se sentem e são cobrados e pressionados a desempenhar o que se espera de cada um, e criticados se não o fizerem. Proporcionalmente à pressão, cresce a necessidade humana de contato com pessoas, e justamente esse diminui por causa da mecanização, informatização e individualização. Assim sendo, domina o sentimento de cada um buscar e se importar com o que é seu, e nada dos outros. Vive-se um momento que, ao mesmo tempo em que vê a verdade validada pela visão da comunidade local, valoriza muito mais o indivíduo solitário, que está acima das relações sociais e que pode rapidamente trocar, tão logo não o satisfaçam mais.⁶³

Bauman fala do fenômeno advindo dessa fragilidade relacional, o qual ele mesmo chama de “boom do aconselhamento”. Para ele, o aconselhamento é o pedido de ajuda de pessoas que não sabem lidar com seus relacionamentos problemáticos, a profissionais, que a oferecem mediante pagamento. O problema é que o que as pessoas esperam ouvir é “algo como [...] comer o bolo e ao mesmo tempo conservá-lo; desfrutar das doces delícias de um relacionamento evitando, simultaneamente, seus momentos mais amargos e penosos”.⁶⁴

Ainda se cita que a mesma crítica aplicada aos conceitos supracitados também se aplica a um dos elementos prestigiados pelo pensamento moderno: as meta-narrativas, os sistemas totalizantes que buscam descrever a realidade de forma absoluta e total. Caindo em forte descrédito, emerge, em contraponto, o método que assume para essa tarefa de descrição da realidade as pequenas narrativas, determinadas, compostas e mantidas local e culturalmente. Qualquer grande discurso não pode ser considerado imperativo a não ser que aprovado pelas diversas ideias locais, em consenso.⁶⁵

As pessoas têm problemas em seus relacionamentos, e o aconselhamento oferece um caminho para a solução. Em um período no qual os relacionamentos são tão descartáveis, é lógico o aparecimento de cada vez mais problemas nessa área e da busca por suas soluções. Por sua vez, o aconselhamento não bíblico, que compõe o boom do qual Bauman fala, não resolve esses problemas. Ele se tornou apenas mais um serviço oferecido no mercado das soluções rápidas demandadas no pós-modernismo. Quer dizer: mais problemas surgem de

⁶¹ MORELAND; CRAIG, 2005, p. 491, 503-504.

⁶² RENDERS, 2014, p. 67.

⁶³ MOLOCHENCO, 2008, p. 13-21.

⁶⁴ BAUMAN, 2004, p. 9.

⁶⁵ ROCHA; FERREIRA, 2010, p. 68.

onde deveria vir a solução. Segue-se que o aconselhamento útil, e que traz alguma possibilidade de solução, é o aconselhamento cristão bíblico. Enquanto o conselheiro laico oferece ajuda impessoal, focado em prestar um serviço e conseguir lucro, o conselheiro cristão presta auxílio vivamente interessado no aconselhado, com foco invariável de levá-lo a encontrar a transcendência – a salvação em Cristo Jesus.

3. A BÍBLIA COMO POSSÍVEL RESPOSTA

Grande parte das ciências foi questionada, desconstruída, abalada. Questões que antes eram respondidas por ela precisam encontrar novas fontes de respostas. Então, “por ocasião dessa reavaliação da validade da ciência que o sobrenatural surge como alternativa altamente viável e satisfatória para a compreensão da realidade e para a resolução de seus problemas [...]”.⁶⁶ “A crise da razão e a decepção com a ciência imbuíram a geração pós-moderna um profundo pessimismo, impulsionando o homem a uma sede desesperada de segurança e de certeza [...]”.⁶⁷ Nessa lacuna de certeza, voltam-se a buscar respostas no que é transcendente e sobrenatural. Justamente a essa necessidade a Bíblia vem suprir.

No entanto, não está claro: como a Bíblia pode fornecer essas respostas? Já que é um livro, então por sua mera leitura, os problemas se resolvem? Ela já não foi lida por séculos, ainda assim coexistindo com problemas semelhantes aos já citados?

O que é impreterível, além da leitura da Bíblia (que por si só, já não é “mera”), é o acompanhamento, tanto humano, quanto espiritual. Como afirma Adams, o qual atua como conselheiro cristão e escritor da área, a Bíblia fala mais de aconselhamento do que, usualmente imagina-se.⁶⁸ Esse é o acompanhamento humano. O acompanhamento espiritual, por sua vez, se dá pelo próprio Espírito Santo de Deus. Sendo assim, os pontos que seguem abordarão o papel da Bíblia nesse processo, assim como as incumbências do Espírito Santo e do conselheiro humano no processo do aconselhamento cristão.

3.1 O papel da Bíblia

Nenhuma pessoa é imune a influências externas, nem neutra em suas suposições. Por isso, também, há uma necessidade tão grande de absolutos hoje. O ser humano, por si só, necessita de padrões e referências sólidos. Dessa forma, o conselheiro cristão age de forma diferente dos leigos; em vez de se basear nas regras relativistas humanistas, ele desenvolve e ajuda o aconselhado a desenvolver valores e conduta pautados pelos ensinamentos da Bíblia. Ao mesmo tempo, ele tem a obrigação de dar, ao aconselhado, total liberdade de fazer suas próprias escolhas e decisões.⁶⁹ Forma-se uma tensão no indivíduo, diante da necessidade de

⁶⁶ NOVAES, Allan M. de. A ciência na Pós-modernidade: a falência das metanarrativas e suas implicações na construção do paradigma científico contemporâneo. *In. Acta científica*. Ciências humanas, v. 1, n. 12, p. 6, 2007. Disponível em: <https://revistas.unasp.edu.br/acch/article/view/456/458>. Acesso em: 05 jun. 2020.

⁶⁷ NOVAES, 2007, p. 7, *apud* DORNELLES, 2003, p. 40 e 46.

⁶⁸ ADAMS, 1077, p. 10.

⁶⁹ COLLINS, 2004, p. 18.

fazer escolhas; ninguém pode fugir desse impasse. Ter padrões sólidos e lógicos, nos quais se basear para tomar tais decisões, é muito relevante nesse momento. Mas onde encontrá-los?

Uma vez que Deus é o criador do ser humano, Ele conhece todos os dilemas enfrentados por cada um. Melhor do que isso, Deus revelou um manual com as instruções para o funcionamento e solução de problemas humanos – a Bíblia. Aí há suprimento inesgotável de referências e auxílio.⁷⁰ “Uma das ferramentas mais poderosas nas mãos do conselheiro é a Bíblia”.⁷¹

Quando se ressalta a Bíblia como fonte de absolutos, ante a necessidade contemporânea dos tais, pode-se cair no erro de pensar nela como um livro de regras, como constituição legal de proibições a serem obedecidas. Isso não é verdade. No intuito de esclarecimento, serão citados e comentados, brevemente, três textos bíblicos (dentre incontáveis outros) que explicitam o papel da Escritura na vida humana e o interesse divino em inspirá-la.

O primeiro texto encontra-se no livro bíblico de 2 Timóteo 3.16-17, o qual diz: “Toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção e para a instrução na justiça, para que o homem de Deus seja apto e plenamente preparado para toda boa obra”.⁷² Nenhuma parte da Escritura não é inspirada por Deus. A inspiração aqui se refere à comunicação divina da Sua verdade e vontade ao ser humano, para que fossem registradas. O propósito da Escritura não é meramente mental, filosófico; antes, nenhuma parte deste registro deixa de ser útil e essencial para ser aplicada à prática de vida humana.⁷³ Percebe-se o profundo interesse divino em dar a conhecer Sua vontade claramente ao homem, e prover um registro confiável dela.

O segundo texto encontra-se no livro bíblico de Romanos 15.4, o qual diz: “Pois tudo o que foi escrito no passado, foi escrito para nos ensinar, de forma que, por meio da perseverança e do bom ânimo procedentes das Escrituras, mantenhamos a nossa esperança”.⁷⁴ Esse texto esclarece o propósito geral da Bíblia: dar perseverança, bom ânimo e esperança para quem crê nela como Palavra de Deus, e aprende o que ela ensina. O que poderia sanar mais um indivíduo pessimista, inseguro e incerto, do que a certeza de um Deus maior que tudo o que existe, inabalável, que se importa com ele e ainda se preocupa em provê-lo esperança?

Finalmente, o terceiro texto encontra-se no livro bíblico de Salmos número 19.7-8, o qual diz que a “A lei do Senhor é perfeita, e revigora a alma. Os testemunhos do Senhor são dignos de confiança, e tornam sábios os inexperientes. Os preceitos do Senhor são justos, e dão alegria ao coração. Os mandamentos do Senhor são límpidos, e trazem luz aos olhos”.⁷⁵ A palavra lei, aqui, não significa somente vários preceitos escritos, mas vai além, e inclui todos

⁷⁰ LAMBERT, 2017, p. 29.

⁷¹ HOFF, 1996, p. 93.

⁷² SOCIEDADE BÍBLICA INTERNACIONAL, [200-], p. 940.

⁷³ WIERSBE, Warren. **Comentário bíblico expositivo**: Novo Testamento, v. 2. Tradução de Suzana Klassen. Santo André: Geográfica, 2006, p. 328.

⁷⁴ SOCIEDADE BÍBLICA INTERNACIONAL, [200-], p. 889.

⁷⁵ SOCIEDADE BÍBLICA INTERNACIONAL, [200-], p. 450.

os ensinamentos divinos. De modo igual, as palavras “testemunhos”, “preceitos” e “mandamentos”, que descrevem “a excelência da revelação de Deus [...]”.⁷⁶ Elas são como um mapa que guia o viajante, as instruções detalhadas e precisas sobre como viver a vida e enfrentar as dúvidas e as dificuldades humanas e nisso encontrar alegria.⁷⁷ Entende-se, a partir do exemplo desses textos, e de muitos outros mais presentes na Bíblia, que Deus se importa com o ser humano e com sua condição (cf. p. ex.: Sl 1.1-2; 8.4-5; 119; Jo 17.17; Hb 4.12; 2Pe 1.20-21).

Uma vez suprida a ausência de absolutos, então, com o embasamento na Bíblia, pode-se avaliar a liquidez moderna. Essa, avaliada biblicamente, esclarece que, seja em ações, seja em concepções, não leva a bons resultados deixar a vontade humana desenfreada guiar as decisões da vida. Assim, o que é necessário é controlá-la. Como? Levando os pensamentos cativos a Cristo (2Co 10.5-6), e sendo transformado pela renovação da mente (cf. Rm 12.1-2; Ef 4.22-24; Cl 3.10).⁷⁸

3.2 O papel do Espírito Santo

Por ser pecador e afastado de Deus (Rm 3.23), totalmente necessitado de direção (Jo 16.13), o ser humano, por si só, não compreende o propósito divino na Escritura. Ele precisa da ajuda de Deus. Por isso, Deus enviou Cristo ao mundo, o qual foi o primeiro Conselheiro divino (Is 9.6). Depois dele, foi enviado o Espírito Santo (o Espírito de Deus; Jo 14.16-17) que está em atuação até hoje.

“Um ministro [da Palavra] sem o Espírito Santo é como uma estátua. Pode ter a forma, mas jamais terá a vida”.⁷⁹ Esse é o conselheiro usando técnicas somente humanas; ele até causa a impressão de mudança, como uma estátua causa a impressão de um ser humano. No entanto, não há mudança real. É crucial a atuação do Espírito Santo, para ajudar o aconselhado.

A Bíblia é atemporal como revelação da palavra de Deus. Assim, é impossível deixar de lado o papel do Espírito Santo tanto na interpretação bíblica, quanto na aplicação dos seus princípios no processo do aconselhamento, durante o período histórico que for, sob a predominância da filosofia que for. O Espírito Santo guia o ser humano na leitura e compreensão da Escritura (cf. 1Co 2.10-11). O Espírito Santo é O Conselheiro, Deus junto dos homens, como foi Jesus. Ele opera o aconselhamento por meio dos seus agentes humanos; não porque depende deles, mas porque preferiu assim. Com efeito, são os humanos que dependem absolutamente dele, uma vez que é Ele quem dá os dons (capacidades), conforme quer (Ef 4.7-13).⁸⁰

⁷⁶ **Comentário Bíblico Moody:** Salmos. [S.l.; s.n.], p. 31. Disponível em: https://files.comunidades.net/pastorpatrick/Salmos_Moody.pdf. Acesso em: 05 jun. 2020.

⁷⁷ WIERSBE, Warren. **Comentário bíblico expositivo:** Antigo Testamento, v. 3: poéticos. Tradução de Suzana Klassen. Santo André: Geográfica, 2006, p. 125.

⁷⁸ LAMBERT, 2017, p. 27.

⁷⁹ HOFF, 1996, p. 93 *apud* HAMILTON, 1975, p. 43.

⁸⁰ ADAMS, Jay E. **Conselheiro capaz.** Tradução de Odayr Olivetti. São Paulo: Fiel, 1977, p. 37-41.

3.3 O papel do conselheiro e do aconselhamento

A Bíblia fala do aconselhamento como resposta à incerteza humana. Adams afirma: “Nem uma só coisa pode ser aceita, do passado ou do presente, se não for autorizada pela Bíblia. O aconselhamento bíblico não pode ser uma imposição [...] de opiniões [...] à Escritura”. Mesmo que o aconselhamento dependa menos da capacidade humana do que do Espírito Santo, espera-se que o agente humano exerça sua função com todo esmero possível, inclusive conhecendo e usando a ciência – até onde ela concorda com a Escritura.⁸¹ Efetivamente, a ciência supre o conselheiro cristão com diversos dados, pesquisas e informações que, aliadas e testadas com o que a Bíblia ensina, são de grande ajuda.⁸²

Depois do relato do caso de aconselhamento conjugal feito por Kramer (descrito acima), que segue uma linha não religiosa de aconselhamento, Lambert o critica. Lambert afirma que, devido à sua linha de visão, Kramer não pôde ver diante de si dois seres humanos criados à imagem de Deus, nem que os claros problemas conjugais do casal eram conseqüências de pecados de ambos. Assim, entende-se quanto à psicologia (e qualquer outra ciência) que a graça de Deus é concedida ao ser humano no geral, não só a crentes, de modo que todos podem entender as coisas. Ademais, o que seria do mundo hoje sem as observações científicas corretas e úteis?⁸³ No entanto, até que haja acertos, há erros, e esses precisam ser corrigidos; também a psicologia, ou qualquer outra tentativa humana isolada de Deus não terá sucesso.

Adams, se referindo aos psicólogos e pesquisadores Mowrer e Glasser, afirmou algo que pode ser estendido a qualquer conselheiro que exerce sua função sem levar Deus em conta no processo: “[Tais psicólogos] deixam de levar em consideração a relação fundamental do homem com Deus mediante Jesus Cristo, negligenciam a lei de Deus [Bíblia] e ignoram por completo o poder do Espírito Santo na regeneração [...]”.⁸⁴ Molochenco afirma de forma categórica: “Aconselhamento é sempre relacionamento”.⁸⁵ Ora, se é relacionamento (e claramente é), se torna impossível que o conselheiro permaneça apático como o descrito por Bauman, e menos ainda que preste seu serviço somente visando o pagamento. Isso não é aconselhamento.

Isso posto, o conselheiro não deve ser guiado somente pela psicologia, mas se valer dela para complementar seu trabalho. Ele também não se baseia nas concepções mutáveis e relativas de cada indivíduo, grupo ou sociedade, mas somente nas Escrituras.⁸⁶ Além de perceber o aconselhado em potencial como um ser humano, completo, criado à imagem de Deus, é importante trazer em mente o fato de que todo o gênero humano está preso à sua imperfeição própria, e preso ao pecado (1Jo 1.8).⁸⁷ Consequentemente, o homem também fica preso a diversos problemas durante toda sua existência na terra; os problemas nunca o abandonaram, nem abandonarão, enquanto estiver aqui. O que a Bíblia propõe é uma nova

⁸¹ ADAMS, 1977, p. 16, 38.

⁸² COLLINS, 2004, p. 25.

⁸³ LAMBERT, 2017, p. 37, 32, 25.

⁸⁴ ADAMS, 1977, p. 15

⁸⁵ MOLOCHENCO, 2008, p. 24.

⁸⁶ ADAMS, 1977, p. 39-40.

⁸⁷ MOLOCHENCO, 2008, p. 108.

forma de abordá-los e encará-los. Para isso, e diante das respostas seculares de aconselhamento, percebe-se que a real necessidade do ser humano é, como afirma Lambert, se revestir do “novo homem”. Tal processo só é possível por meio do poder de Cristo. Ele criou todo o universo, Ele é o centro de tudo, e Ele sustenta tudo, conforme é ensinado em Colossenses. Tendo isso em mente, e somente assim, os problemáticos pensamentos humanos podem ser controlados, pelo poder e para a glória de Cristo (Cf. Cl 1-3).⁸⁸

Ao encontro disso vêm necessidade primordial do conselheiro cristão, segundo Adams: ser uma pessoa de fé e esperança. Fé, acreditando nas promessas de Deus, principalmente a de transformar a vida daqueles que se arrependem de seus pecados e andarem conforme Sua vontade – promessas reveladas nas Escrituras. E a esperança, que advém da fé: fé do conselheiro de que a Bíblia é verdadeira e transformadora, e fé como objetivo ao qual levar os aconselhados, com segurança. Isso resume: a orientação dada será sempre em direção a recursos de Deus, não humanos. De forma mais específica, espera-se do conselheiro profundo e vasto conhecimento das Escrituras e sabedoria divina em seus relacionamentos, além de genuíno interesse e cuidado pelas pessoas (cf. Rm 15.14; Cl 3.16).⁸⁹

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisar-se quem é o conselheiro, conclui-se que é alguém que presta ajuda, que guia outra pessoa ao entendimento e à resolução de algum problema dela. Esse é o processo do aconselhamento, que se dá tanto fora como dentro do meio religioso. Precisamente o conselheiro cristão não é somente um pastor – nem o deve ser – mas todo e qualquer cristão. Esse se depara com situações em que deve ter noção do que é certo, e do que é errado, para aconselhar, e tomar suas próprias decisões; ao exame do que define e como devem ser pautadas essas noções e decisões, chama-se moralidade. A moralidade, por seu turno, é constantemente reavaliada e reformulada, de acordo com as variáveis cosmovisões e filosofias. Assim o tem sido agora, pelo pós-modernismo. As ideias centrais debatidas pelos autores pós-modernistas caracterizam-se pelas duras críticas e desconstruções que fazem; seu primeiro e maior alvo foi o Iluminismo modernista e suas concepções gerais, tendo em vista suas falhas.

Com efeito, o modernismo teve e gerou problemas; a eles, muito bem-vinda e oportuna foi a crítica. Ainda assim, observam-se muitos outros problemas gerados justamente pelo pensamento pós-moderno. Partindo da desconstrução da ciência, foram criticados e negados vários conceitos, inclusive a própria verdade como universal, em prol de pontos de vista individuais. Um dos mais proeminentes reflexos das críticas foi a perda tanto dos absolutos quanto de qualquer fonte deles, à qual o indivíduo pós-moderno é sujeito. O ser humano necessita de bases; negada a ciência, ele passou a voltar-se novamente ao sagrado e transcendente em busca de certezas.

⁸⁸ LAMBERT, 2017, p. 29.

⁸⁹ ADAMS, 1973, p. 14-15.

Nesse ensejo, a Bíblia é apontada como alicerce e princípio de absolutos. Não só isso, mas também como fonte de princípio e absolutos que nunca foram alterados, nem o serão com o passar do tempo – afinal, eles não dependem de seres humanos e suas filosofias, mas são revelação da vontade de Deus. Surge, destarte, o aconselhamento bíblico como meio de mostrar as respostas aos problemas da liquidez e mobilidade pós-modernas.

O aconselhamento só alcança esse feito, posto que o Conselheiro divino trabalha junto do conselheiro humano, guiando-o com a Palavra divina. A mudança se dá pela transformação no indivíduo a partir do seu encontro com Cristo, do reconhecimento do pecado humano e da morte e ressurreição de Cristo como solução a isso (cf. Jo 3.16).

O caminho é mudar a visão dos problemas, não fugir deles, e isso se dá através do aconselhamento. Reitera-se: não o aconselhamento instantâneo que está na moda, e é meramente humano. Sim, o aconselhamento bíblico, fundado na Palavra de Deus imutável revelada ao ser humano, onde um ser humano é usado pelo Espírito Santo para se relacionar e ajudar outro ser humano a entender e resolver seus problemas. Soando desagradável, difícil, demorado, afirma-se: não há maneira fácil e rápida de fazê-lo. Soluções instantâneas são desejadas e oferecidas, mas seu resultado já é conhecido. Soluções possíveis e reais, no entanto? De forma alguma, se não pelo aconselhamento e acompanhamento, que incluem caminhar junto, dedicar tempo, discipulado cristão. Não há forma pela qual se dê um discipulado, se não com um mestre que discipula; nem um aconselhamento, sem um conselheiro. Assim, reforça-se a necessidade dessa figura, no processo de ajuda.

Falar do pós-modernismo vivendo numa cultura que o fortalece é extremamente complexo e arriscado. Foi possível, aqui, tocar em algumas das críticas pós-modernas que se deparam com o cristianismo; no entanto, sabe-se que essa discussão teve aqui apenas seu início. Melhor dizendo, apontou-se aqui, talvez, a ponta de um iceberg de discussões a respeito. Ademais, pode-se sempre contar com a certeza inabalável e imutável de que “a Palavra de Deus é um bálsamo de cura para os distúrbios mentais e emocionais. Ela continua falando às pessoas nos dias de hoje, e sua relevância para o trabalho do conselheiro e para a vida daqueles a quem ele auxilia é profunda e duradoura”.⁹⁰

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. Tradução de Alfredo Bosi. São Paulo: Martins Fontes, 1998. 1014 p.

ADAMS, Jay E. **Conselheiro capaz**. Tradução de Odayr Olivetti. São Paulo: Fiel, 1977. 267 p.

ADAMS, Jay E. **The christian counselor's manual**. Grand Rapids: Baker Book House, 1973. 476 p.

ANDERSON, Stanley E. **Cada pastor um conselheiro**. Tradução de Harold Renfrow. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1963. 200 p.

⁹⁰ COLLINS, 2004, p. 23.

BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Tradução de Carlos A. Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2004. 190 p.

COLLINS, Gary R. **Aconselhamento cristão**: edição século 21. Tradução de Lucília M. P. da Silva. São Paulo: Vida Nova, 2004. 704 p.

Comentário Bíblico Moody: Salmos. Disponível em: https://files.comunidades.net/pastorpatrick/Salmos_Moody.pdf. Acesso em: 05 jun. 2020.

FONTENELLE, Isleide Arruda. **Pós-modernidade**: trabalho e consumo. São Paulo: Cengage Learning, 2008. 104 p.

GERT, B.; GERT, J. The Definition of Morality. In. EDWARD N. Zalta (edit.). **The Stanford Encyclopedia of Philosophy**. [S.l.: s.n.], 2017. Disponível em: <https://plato.stanford.edu/archives/fall2017/entries/morality-definition/>. Acesso em: 03 jun. 2020.

GRENZ, Stanley. **Pós-modernismo**: um guia para entender a filosofia do nosso tempo. Tradução de Antivan G. Mendes. São Paulo: Vida Nova, 2008. 256 p.

HOFF, Paul. **Pastor como conselheiro**. São Paulo: Vida, 1996. 288 p.

LAMBERT, Heath. **Teologia Bíblica do aconselhamento**. Tradução de Airton W. V. Barboza. Eusébio: Peregrino, 2017. 346 p.

MOLOCHENCO, Silas. **Curso Vida Nova de teologia básica**: Aconselhamento. São Paulo: Vida Nova, 2008. 176 p.

MORAES, Vinícius de. **Soneto de fidelidade**. [S.l.; s.n., 20-?]. Disponível em: www.pensador.com/autor/vinicius_de_moraes/. Acesso em 15 mai. 2020.

MORELAND, J. P.; CRAIG, William Lane. **Filosofia e cosmovisão cristã**. São Paulo: Vida Nova, 2005. 790 p.

NOVAES, Allan M. de. A ciência na Pós-modernidade: a falência das metanarrativas e suas implicações na construção do paradigma científico contemporâneo. **Acta científica**. Ciências humanas, v. 1, n. 12, 2007. Disponível em: <https://revistas.unasp.edu.br/acch/article/view/456/458>. Acesso em: 05 jun. 2020.

RENDERS, Helmut. A complexa relação entre éticas deontológicas, teleológicas e situacionais e as temporalidades pré-modernas, modernas e moderna tardia. In. **Caminhando**: Revista da Faculdade de Teologia da Igreja Metodista, vol. 19, n. 2. São Bernardo do Campo: Editeo/UMESP, 2º semestre de 2014. 147 p.

ROCHA, Alessandro R.; FERREIRA, Ebenézer S. **A teologia e os desafios contemporâneos**. São Paulo: Reflexão, 2010. 195 p.

SACCONI, Luiz Antonio. **Grande dicionário Sacconi da língua portuguesa**: comentado, crítico e enciclopédico. São Paulo: Nova Geração, 2010. 2087 p.

SOCIEDADE BÍBLICA INTERNACIONAL. **Bíblia Sagrada**: Nova Versão Internacional. [S.l.]: Geográfica, [200-]. 984 p.

WIERSBE, Warren. **Comentário bíblico expositivo**: Antigo Testamento, v. 3: poéticos. Tradução de Suzana Klassen. Santo André: Geográfica, 2006. 526 p.

WIERSBE, Warren. **Comentário bíblico expositivo**: Novo Testamento, v. 2. Tradução de Suzana Klassen. Santo André: Geográfica, 2006. 796 p.